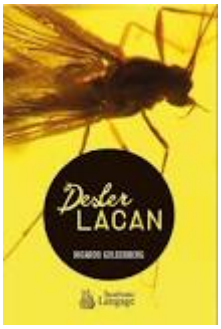
Como o âmbar, que preserva a mosca para nada saber de seu vôo



Apresento essa resenha para destacar a relevância do livro *Desler Lacan* para os estudos da obra e do ensino de Lacan no âmbito acadêmico. Afirmo isso como participante de um Programa de Pós-Graduação em Psicanálise. Desse recente livro de Ricardo Goldenberg (Instituto Langage, 2018), já há duas resenhas publicadas pelo jornal Folha de São Paulo e o autor respondeu, em seu blog, à primeira delas, escrita por C. Dunker. Se a resenha de Dunker destaca o conceito de desleitura a partir de Harold Bloom; a segunda resenha, por Pacheco, aborda a leitura a partir de Roland Barthes. Na minha resenha, quero privilegiar a desleitura como crítica à substancialização do inconsciente.

A capa do livro é ilustrativa do título e remete ao âmbar que preserva a mosca para nada saber de seu vôo. Ou seja, a replicação que deixa de lado o mais inovador no ensino de Lacan. O título da minha resenha tomou a epígrafe do livro que, por sua vez, é a frase final do prefácio escrito por Lacan (1969) à publicação da primeira tese acadêmica sobre seu ensino: livro de Anika Lemaire (1970).

Entre as inovações que ficaram esquecidas, e às quais se dedica Goldenberg em seu *Desler Lacan*, destaco a seguir duas. No Seminario 17, tratava-se de um crítica ao complexo de Édipo bem antes que Deleuze e Guattari saíssem com seu anti-édipo. No Seminário 20, Lacan não teoriza a sexualidade nem em termos de gênero nem em termos de gozo, mas em termos de lógica discursiva. Enfim, Lacan estava visando uma teoria não substancialista da psicanálise. Para desontologizar a psicanálise, sua ferramenta era o conceito de significante, que já não era o da Linguística.

Lacan não fala em palavra, mas em significante. O sintoma é um significante, não uma palavra. Goldenberg chama nossa atenção para essa diferença, pois fora da palavra estaria o inefável. O Real nada tem a ver com o impossível de verbalizar. A falha da linguagem em alcançar o referente é o próprio objeto da linguagem, "e este é o único real lacaniano stricto sensu" (p. 244). Aqui eu perguntaria para o autor por que o uso da expressão stricto sensu.

O capítulo onde a primeira pessoa se faz mais presente é *Enquanto passam os anos*. Este capítulo rico em elementos biográficos tem vocação de transmissão psicanalítica. O autor escreveu o título e depois se deu conta de que era uma tradução de *As time goes by*, nome da canção do filme Casablanca. O passado irrecuperável e o desencontro dos amantes desencontrados. Nesse capítulo subdividido em cinco partes Goldenberg narra desde o lugar de analisante. Será de sua experiência que tentará transmitir ao leitor o que é a desubstancialização do inconsciente.

O que quer dizer "o sujeito enlaçado ao significante, ambos em mútua remissão"? (p. 260). Os psicanalistas admitem que a linguagem precede o sujeito, mas nem todos abandonam uma leitura animista e determinista inconsciente.

Para analisar essa questão, o autor apresenta a seguinte vinheta. Houve um acidente: um analisante bateu o carro que ganhara do pai. Na sequencia, ocorreu uma associação durante a sessão: destruir o carro seria uma mensagem dirigida ao pai. Podemos analisar essa associação considerando que só-depois da ocorrencia (associação) é que bater o carro se tornou um significante paterno. Arremata o autor: "A psicanálise é o trabalho do discurso que transforma acaso em acontecimento. O aleatório na estrada teria sido o pre-texto para o analisante inventar (não descobrir) o texto que reescreve a sua história?" (p. 261).

No discurso do psicanalista, o significante existe em virtude de uma leitura. Quem diz ler, também diz escrever, por isso Lacan denomina 'letra' o significante localizado, determinado e registrado. Mas há uma distinção entre significante e letra. Em um relato de caso, se trata do que ficou registrado, a letra. Pois o significante não tem sobrevida posterior ao evento no qual existe. O que importa é que mesmo que o significante não se apresente em palavras, haja um leitor.

Com uma outra vinheta, Goldenberg retorna à distinção entre substancialização e tempo lógico. Alguns se culpam por terem pensado algo que depois aconteceu. A culpa seria um efeito de uma noção determinista do inconsciente. Por exemplo: se pensei algo e isso que pensei aconteceu; então sou o culpado por não ter impedido o acontecimento daquilo que pensei. Depois de acontecido, algo que apenas fora pensado ganha estatuto de axioma, e passa a ser lido como necessário. Mas o axioma não causou o acontecimento.

Há uma interessante discussão que pode ser seguida na leitura da temporalidade em psicanálise. O tempo do significante é o futuro do pretérito nas suas formas simples: eu seria, eu estaria, eu teria, eu haveria; ou compostas: eu teria sido, eu teria estado, eu teria tido, eu teria havido.

Nesse sentido, o que teria sido pensado não deixará de continuar sendo pensado, quer aconteça ou não um evento. E, se depois que foi pensado (desejado), algo de fato aconteceu, memso assim poderia também não ter acontecido. Os dois eventos, o evento enquanto pensamento e o evento enquanto acontecimento, não estão ligados por relação de causa e efeito.

Outra forma de abordar a questão seria através da lógica. Começando pela retomada da questão da aleatoriedade no Seminário sobre a Carta roubada. Além disso, vale a leitura do conceito de abdução. Uma invenção ou abdução criativa, nos diz Umberto Eco, é comparável ao método do escultor Michelângelo, que dizia que desvendava na pedra a estatua que a matéria já circunscrevera. Também podemos relacionar essa distinção entre substancialização e aleatoriedade à descoberta que premiou o psicólogo Kahneman com o Nobel de Economia em 2002. Ele pesquisou as decisões ilógicas que as pessoas costumam tomar quando lêem relações de causa e efeito onde há apenas aleatoriedade.

Quando há leituras diferentes de uma expressão ou sintagma lacaniano, fica mais evidente a importância da desleitura. Foi assim quando me encontrei como uma outra leitura da expressão lacaniana 'discurso sem fala'. Remeto o leitor ao capítulo *Da talking cure ao discurso sem fala*.

Na minha desleitura, um discurso sem fala e também sem palavras é um matema enquanto álgebra. Mas essa leitura não invalida a de Goldenberg, para quem o discurso sem fala concerne à criação das condições para que aconteça o ato analítico (p. 216). Não é a falta de reflexividade o que define o saber como inconsciente, mas a sua condição de disjunção exclusiva de dois opostos frente a qual o sujeito se divide.

Um analisante pode dizer duas coisas logicamente contraditórias em um breve intervalo de tempo, e acontece não ter como lembrar da primeira, que a contradiz, enquanto profere a segunda, a menos que haja um analista ali para lembrá-lo. É nisso que consiste levantar o recalcado, em saber juntar 'lé com cré'. Antes, 'lé com cré' configuravam o aparente verso e o anverso de uma Fita de Moebius. Juntar 'lé com cré' equivale ao corte longitudinal pela linha media de uma fita de Moebius. As duas faces serão discerníveis pelo analisante. Eis o famoso corte! Mas em que ele seria "sem palavras"? Em primeiro lugar, se 'lé com cré' já foram proferidos pelo analisante, o analista não precisa acrescentar nada. Em segundo lugar, o que interessa à interpretação é que "a significação produzida permita ao paciente perceber a qual significante ele está assujeitado" (p. 218).

No capítulo "Além do pai", Goldenberg apresenta uma interessante comparação entre trasnferência positiva e negativa. A transferência positiva permanece sempre algo assombrada pela sugestão. Conquanto muito difíceis, "as análises com um analista *sub judice*, quando não naufragam antes da sua hora, são as que chegam mais longe" (p. 284).

No final do livro, no capítulo Exit, o autor apresenta três ensaios. Em um deles utiliza o livro de Butler, *Problemas de gênero*, como pretexto para uma crítica à leitura usual das fórmulas da sexuação no *Seminário Mais, Ainda*. Em destaque em um quadrinho amarelo, que é um cuidado editorial que perpassa o livro e que eu ainda não havia comentado, o autor antecipa: a noção de gênero é completamente estranha à psicanálise, pois o objeto que move o desejo carece de gênero. Segue na página seguinte, com a mesma contundência: para a psicanálise, o sexo não é natural nem dado, mas tampouco uma construção cultural de sentido, pois o sexo não faz o menor sentido. Portanto, o que se pode marcar em relação ao sexo é a impossibilidade de uma marcação na linguagem. Se toda diferença é simbólica e o sexo escapa do simbólico, então a questão é trabalhar os impasses dos *falaseres* em relação ao sexo.

O que diz o autor, Ricardo Goldenberg, de seu livro? "Que este livro seja a minha libertação das Guerras de Reconhecimento, de filiação, de prioridade e de autoria e que ateste meu reconhecimento do tanto que recebi de todos aqueles com os quais se aprende alguma coisa" (p. 294). Entre esses estão Ricardo Estacolchic, M.D. Magno e Alfredo Eidelsztein.

Enfim, não posso encerrar essa resenha sem mencionar que o livro tem boas ilustrações da topologia de superfícies e vídeos de aulas do autor acessíveis por código QR.

Referências:

Dunker, C. I. L. (2019, março 10). Livro deixa Freud para trás ao propor volta às origens do pensamento de Lacan. Jornal *Folha de São Paulo*, Ilustríssima.

Eco, U. & Sebeock, T. A. (1991). *O signo de três*. São Paulo: Perspectiva.

Lacan, J. (1969) Preface au "Jacques Lacan" d'Anika Lemaire. Recuperado em 15 de maio, 2019, de http://ecole-lacanienne.net/bibliolacan/pas-tout-lacan/

Mlodinow, L. (2008). *O andar do bêbado*. Rio de Janeiro: Zahar.

Pacheco, R. (2019, março 24). Réplica: Quando 'desler' se associa à ideia de prazer do leitor. Jornal *Folha de São Paulo*. Ilustríssima.

Marta D'Agord

15 de maio de 2019